

## NÃO SÃO SÓ PINCÉIS

**Maria Fernanda Mendes e Freitas I** Arquivista pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), Coordenadora de Documentação do Núcleo de Documentação e Pesquisa da Fundação Energia e Saneamento de São Paulo. E-mail: mafer.mfreitas@gmail.com

Poucos dias do início do ano novo, começo em uma empresa que tem como seu “coração” um lindo acervo permanente das principais instituições do setor elétrico de São Paulo! E, junto com minha chegada, temos o começo de um novo projeto, com o qual me deparo com a necessidade de compra de materiais, esses bem específicos para o trabalho com aquele tipo de acervo, e também contratação de novos funcionários. E tão breve recebo a visita do responsável pela área de Compras, que me diz:

- Por que comprar pincéis tão caros? Com valor de um único pincel ali na lojinha de materiais de construção você consegue mais!

Já fico bem reflexiva, e começo a perceber um certo distanciamento dos funcionários com o acervo.

Em outro momento, para o mesmo projeto, tenho que ir com a moça do Departamento de Pessoal para formalizar a contratação da nova equipe. No deslocamento, descubro que ela não entendia os motivos de termos um prédio exclusivo para o arquivo e as dificuldades que enfrentamos com contratação especializada.

Pois bem, chegamos ao prédio do acervo e ela me diz em tom de surpresa:

- Que lugar grande!

- Você não viu, nada! Mas logo pergunto para ela: você não conhece o arquivo?

- Não sei bem o que fazem, só sei que de repente vocês correm de um lado para o outro - e deu risada.

Após as burocracias, levei-a para uma visita técnica, expliquei todos os controles de temperatura e umidade, topografia e acondicionamento para cada tipo de suporte. E tão breve veio a pergunta: - *Posso manusear um desses?* perguntando sobre os nossos livros contábeis. Disse a ela que sim, mas teria que colocar itens de cuidado, tanto para a saúde dela como para os documentos.

Paramentada, ela manuseou os documentos, fez vídeos e chegou na sede enaltecendo o lindo trabalho que a instituição fazia e que ela não tinha ideia do quão maravilhoso era aquilo que ela ajudava a manter.

Pronto, já tinha a faca e o queijo na mão: um lindo acervo para se trabalhar e foco na extroversão, difusão e comunicação do arquivo. Bem fácil, só que não!

Instituições culturais passam por dificuldades e o nosso caso não é diferente, não tínhamos recurso. Mesmo assim, levei esses casos para a direção e disse que estava disposta a fazer algumas mudanças, simples, mas significativas para um acervo como o nosso, e já tínhamos tudo o que precisávamos: conhecimento e pessoas pró acervo!

Com o aval, chegam os trabalhos, e não tinha melhor momento do que a Semana Nacional de Arquivos para “lançarmos” esse novo olhar para o acervo, mas com foco para o nosso público interno. Para tanto, pensamos em apresentações de cada projeto e o que estava sendo desenvolvido como uma forma de aproximar todos com a nossa rotina. Passamos pelos projetos e explicamos o porquê de algumas supervisões, como o caso da conservadora, papel fundamental para um arquivo permanente com mais de 100 anos de história como o nosso.

Mas a cereja do bolo foi trazer as nossas “meninas dos olhos”, como o caso da carta oficial da Rainha, negativo de vidro, álbuns de fotografias, filmes de rolo, documentos textuais e desenhos técnicos. Sim, fizemos isso, disponibilizamos o que temos de melhor no nosso arquivo para nosso principal usuário,

nossos colaboradores. Uma ação simples, desde pedir uma colaboração de cada funcionário para um café da manhã, até reunir todos conscientizando-os que aquilo ali não era perder tempo, mas sim entender melhor a instituição.

Com uma exposição exclusiva para os colaboradores, deixamos na entrada luvas para quem desejasse manusear os documentos e a instrução de que não era permitido entrar com alimentos e bebidas. Numa bancada deixamos todos os materiais de conservação, luvas, bisturi, lápis, papéis para acondicionamento, borracha com o ralador e pincéis, aqueles que o moço de Compras disse que eram caríssimos. Esperei ansiosamente por aquele momento, ele os viu, manuseou, olhou todo o entorno e disse:

- Obrigado, agora faz tudo muito sentido as compras com tantas especificações e exigências.- Sinto uma sensação de dever cumprido.

Desde então, tudo que precisamos ele nem reclama, mas, agora, vem tentar entender o motivo da compra, e apresento a ele o material que vamos trabalhar e lhe explico o projeto; da mesma forma ficou muito claro para outras áreas, como o próprio museu que nos cede anualmente espaço para expormos com a devida ênfase os materiais do arquivo; com o setor da Comunicação conseguimos espaço nos boletins e nas redes sociais, momento em que podemos apresentar nossas atividades e as nossas particularidades com o tratamento de acervo.

Com isso, percebo a necessidade da difusão, comunicação e marketing em arquivos; e o dever como arquivista de estudar os nossos usuários e realizar metodologias da comunicação para uma difusão colaborativa.